

O desafio de educar a partir do contexto da escola pública: uma análise de causa da Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva.

Armison Rodrigues Pereira¹
Email: armisonxxl@hotmail.com

RESUMO

O ato de educar não depende unicamente do aluno e tão pouco do professor, educar exige cada vez mais do Estado, das políticas educacionais, do professor, de investimento em materiais didáticos pedagógicos e de investimento no espaço físico da escola dentre outros. Mediante ao exposto se analisando a Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva situada na cidade de Minaçu-GO, há uma contradição que se coloca entre o padrão mínimo de exigência do que seria de fato uma escola pública de qualidade e entre o que se tem até o atual momento na estrutura da escola pública brasileira. Esta contradição está viva, portanto, inabalável uma vez que no século XXI tem se escolas sucateadas por todo o Brasil e neste contexto a cidade de Minaçu não é exceção, um fato que custa caro a sociedade. No sentido em que a possibilidade de formação de cidadãos e aprendizado por parte dos alunos é prejudicada, emergindo assim problemas que afetam toda a sociedade, tornando este ser um desafio ainda por ser canalizado. Este artigo foi desenvolvido a partir de observações, regência, e semi-regência feita na escola campo proposta na disciplina de estágio supervisionado do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual de Goiás no ano de 2013. Os resultados aqui obtidos revelam o descaso com a escola pública, o descompromisso social do Estado neoliberal e tecnicista para com a educação e a reprodução de uma geografia escolar tradicional de caráter positivista arcaica e incondizente com o mundo globalizado do qual estamos vivendo.

Palavras chave: Educação. Descaso. Didática. Prática Docente.

RESUME

The act of teaching does not depend solely on student and as little teacher, educating increasingly demands of the state, the educational policies, teacher, investing in teaching learning materials and investment in school physical space among others. Through the above is analyzing State School Bijamin Tavares da Silva in the city of Minaçu-GO, there is a contradiction that arises between the standard minimum requirement than would be indeed a quality public school and between what one has until Current time in the Brazilian public school structure. This contradiction is alive, so unwavering since the twenty-first century has been scrapped schools across Brazil and in this context the city of Minaçu not é exceção, a fact that is costly to society. In order that the possibility of forming citizens e aprendizado é prejudicada by the students, thus emerging problems affecting the entire society, making this to be a challenge even to be channeled. This article was developed from observations, conducting and semi-conducting proposal made at the school field in supervised training discipline the course

¹Possui Graduação de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Minaçu.

of Full Degree in Geography from the State University of Goiás in 2013. The results obtained reveal the neglect of public school, social disengagement of the neoliberal state and technicalities to education and playing a positivist character traditional school geography archaic and incondizente with the globalized world in which we live.

Key words: Education. Neglect. Didactics. Prática Docente.

Introdução.

Nesse artigo o assunto pretende levar o leitor ao entendimento no que se refere à dificuldade que os professores encontram ao ministrarem suas aulas nas escolas públicas brasileiras, especificamente no município de Minaçu-GO. Apesar de ser uma análise que se centrará apenas em uma instituição de ensino: Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva situada na cidade de Minaçu-GO, é necessário levar em conta que esta é a realidade, expressada por quase todas as escolas do município.

Este artigo abordará observações feitas na referida escola campo, sendo estas feitas no ano de 2013, sob a proposta da disciplina de estágio supervisionado do curso de Geografia da Unidade Universitária de Minaçu-GO. O objetivo central desse artigo está na discussão do estágio supervisionado em Geografia, que visa uma aproximação entre teoria e prática. Discutir-se-á também sobre a estrutura e organização escolar mencionada acima, sobre a prática docente e sobre o papel do professor de geografia. Uma vez que nossa formação requer múltiplos domínios sendo um deles a investigação como forma de olhar, pensar, repensar e (re)avaliar nosso papel não só como professor de geografia, mas como sujeitos, como cidadão de fato.

Dentre as problemáticas existentes na referida escola, o que se percebe de imediato é o total abandono da instituição por parte da política vigente, pois as características físicas da mesma são insuficientes para atender com qualidade a demanda, de aulas, de projetos, de oficinas, de recreação e de teatro, que entendemos que são atividades extensivas extremamente importantes para a formação cultural, pessoal e humana dos sujeitos em construção.

O problema da instituição não se encontra apenas na esfera do abandono estrutural, tem-se na mesma professores ministrando aulas sem possuir um grau de formação necessário que habilite os mesmos a exercer tal função. E conseqüentemente o

resultante desse processo está na formação inadequada de alunos, que por direito deveriam ter o de melhor no cenário educacional e que, no entanto, estão esquecidos num total abandono, que coloca em situação de fragilidade a eficácia da pretendida escola pública e de qualidade “garantida” pelo Estado que atualmente vive sob o slogan da “Pátria educadora”.

Neste artigo se realiza a análise de um questionário aplicado aos alunos do 6º ano, atores do processo educacional que se expressaram sob a situação da escola que os mesmos frequentam e, sobre o que os mesmos consideram do conteúdo de geografia que a eles são ensinados, a partir das respostas cedidas pelos mesmos percebe-se que o problema afeta direta e indiretamente o aprendizado dos alunos, onde os mesmos esboçaram pouco entendimento da importância de se estudar geografia e do conteúdo exposto pela professora, o que é resultado de uma educação doente, combinada com uma estrutura inadequada. De modo geral a instituição escolar Bijamin Tavares da Silva está carente de um olhar político e governamental, que vise à educação de um modo geral.

A imagem do abandono.

A Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva, está localizada em Minaçu – Goiás, Rua 06 S/N setor Minaçu Norte, a mesma oferece à comunidade o Ensino Fundamental, do 3º ao 7º ano, com atendimento matutino e vespertino. Segundo o (PPP 2012) da escola a instituição conta com uma clientela de 288 alunos. Segundo Sandra (2013) em diagnose feita pelo pesquisador, há na instituição 08 salas de aulas, 01 cantina, 01 sala de secretaria e 01 sala que funciona como coordenação e direção, 01 banheiro para os funcionários, 01 banheiro feminino e 01 masculino para as crianças, 03 chuveiros, 01 escovodromo, 01 bebedouro e 01 varanda.

A partir de observações gerais feitas pelo presente pesquisador, observa-se uma escola precarizada no que diz respeito a sua estrutura física. A escola é feita de placa. Neste aspecto como as paredes possuem espessura fina, não há isolamento acústico, onde qualquer ruído que ocorre na sala (A) ao lado é ouvido na sala (B). Esse fato impossibilita a prática de algumas aulas, por exemplo, trabalhar com música nas salas é impossível, pois o som atrapalha as aulas dos outros professores, o que gera bastante desconforto tanto para o professor que ministra aula, quanto para o aluno que necessita de silêncio para seu aprendizado.

A instituição não possui espaço para o fazer pedagógico na sua totalidade, uma vez que não há pátio ou auditório para a realização de eventos culturais, teatrais e oficinas para o desenvolvimento do aprendizado, não se tem na instituição um espaço adequado para a aula de educação física, pois a quadra que se tem é pequena, e a mesma não possui cobertura, o que protegeria os alunos do sol e da chuva.

O espaço interno das salas é pequeno, não sendo possível comportar confortavelmente todas as cadeiras, mesas e alunos. Dessa maneira, a possibilidade de aulas no qual se precisaria posicionar as carteiras que não seja de forma tradicional também não é possível. Outro fator relevante está na iluminação, pois a mesma é insuficiente, as paredes não são pintadas de cor clara, o que dificulta muitas vezes a visualização, tanto do que está escrito no quadro, quanto do que precisa ler no livro.

Atualmente a escola está em reforma, o que consideramos um desperdício de verba pública, no sentido em que não basta uma reforma, mas a construção de uma nova escola, que atinja ao menos os padrões mínimos definidos pelo Estado. Se observarmos a figura 01 abaixo é notório o quão superficial e maquiadora foi a reforma desta unidade escolar. Eis aí o investimento do governo juntamente com sua incapacidade de gestão. Nesta reforma, até o atual momento trocou-se o telhado e forrou-se as salas, mas infelizmente não se fez novas paredes, não ampliou-se as salas e ainda não foi feito o já citado auditório, que muito contribuiria com a formação dos alunos. Observe a imagem abaixo que se refere a fase final da reforma na escola.

Figura 01: Fase final da reforma na Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva.



Fonte: RODRIGUES. Armison Pereira. 29/12/2013.

Fica evidente mediante essas imagens o total abandono ao qual a unidade escolar está submetida, percebe-se que uma reforma não acabará com todos os problemas da estrutura física da mesma, este contexto nos faz concordar com(Nóvoa*apud*Libâneo) quando o mesmo afirma:

Um dos grandes perigos dos tempos atuais é uma escola a “duas velocidades”: por um lado, uma escola concebida essencialmente como um centro de acolhimento social, para os pobres, com uma forte retórica da cidadania e da participação. Por outro lado, uma escola claramente centrada na aprendizagem e nas tecnologias, destinada a formar os filhos dos ricos. (NÓVOA *apud*LIBÂNEO, 2012, P. 16)

Nota-se que esta instituição possui características que se enquadram no perfil de “acolhimento social”, destinada aos pobres, pois a mesma não possui um perfil adequado, no que se deveria ser exigência mínima de qualidade, para uma escola do qual o Estado deveria ter como excelência, pois estamos em pleno período de tecnificação e esta unidade em específico não está adequada em nenhum aspecto a realidade social, cultural e econômica do mundo globalizado. A escola Estadual Bijamin Tavares da Silva não dispõem de uma sala de computação, para que os alunos se familiarizem com seu tempo, é perceptível o quanto a escola é frágil, no sentido em que não vem acompanhar o tempo da sociedade e inevitavelmente o tempo dos alunos.

É inadmissível que não se tenha numa escola uma biblioteca, que vise e que busque nos alunos a aptidão e o gosto pela leitura, sobretudo hoje, em que a tecnologia 3D e a tela colorida desperta mais atenção do que um livro. O núcleo escolar observado de uma forma geral é mais um acolhimento para os “desabrigados” do que uma escola que dispõe em sua estrutura física e organizacional um espaço que ofereça novas condições para o aluno.

Libâneo (2012), nos fala da escola que sobrou para os pobres, e a partir de leituras de Charlot afirma que:

(...) a redução da educação ao estatuto de mercadoria resultante do neoliberalismo ameaça o homem em seu universalismo humano, em sua diferença cultural e em sua construção como sujeito (...) aumentam os índices de escolaridade, mas se agravam as desigualdades sociais de acesso ao saber, pois à escola pública é atribuída a função de incluir populações excluídas ou marginalizadas pela lógica neoliberal, sem que os

governos lhe disponibilizem investimentos suficientes, bons professores e inovações pedagógicas. (LIBÂNEO, 2012, p.23)

Um exemplo claro dessa política destinada e desinteressada à educação está posta de modo evidente na escola campo, uma vez que, segundo Sandra (2013), a escola Estadual Bijamin Tavares da Silva foi construída para atender as crianças residentes no bairro. Sua construção foi por meio do projeto do então governador do Estado de Goiás, Íris Resende Machado, em 1985, época em que foram construídas mil salas de aulas de placa em vários municípios de Goiás, com o objetivo de agregar crianças e adolescentes que se encontravam fora da escola. Observa-se que há 30 anos a escola existe, e a mesma ainda é de placa, esse é o abandono e descaso do qual estamos nos referindo, onde se desconsidera e se sacrifica tudo pela redução de gastos, afinal por que “gastar” com escola e educação? Fica esta provocativa questão.

Não é de se estranhar que as políticas educacionais pensadas e financiadas por economicistas possa ter outros caminhos para a educação que não se desvie dos números, que aliás tem se tornado nos últimos tempos a partir do neoliberalismo na verdade universal. Torres (1998) vem nos mostrar as fragilidades da educação que de modo geral é financiada pelo Banco mundial, neste aspecto ela enfatiza que

Predomina a visão da educação como um campo sem especificidade, sem antecedentes nem história, órfão de tradição teórica e discussão pedagógica, no qual confluem e interatuam insumos ao invés de pessoas, resultados ao invés de processos, quantidades ao invés de qualidades (TORRES, 1998, P.141).

Neste campo minado de proposições externas, que não considera, nem considerou o perfil cultural, simbólico e principalmente histórico do Brasil está o “modelo” universal de escola que não foi moldada e vivificada de nossas contradições, de nossa peculiaridade identitária miscigenada. Este “modelo” é portanto ahistórico, inventariado pelos economicistas onde a

Educação passa a ser analisada com critérios próprios do mercado e a escola é comparada a uma empresa. O ensino resume-se a um conjunto de insumos (*inputs*) que intervêm na caixa preta da sala de aula – o professor sendo mais um insumo – e a aprendizagem é vista como o resultado previsível da presença (e eventual combinação) desses insumos. (TORRES, 1998, P.141).

Neste jogo de xadrez mercadológico algumas “peças” ou mais precisamente escolas são itinerários das paisagens invisíveis que passam despercebidas de nosso olhar. Considera-se a totalidade, a universalidade, enfim a gigantescidade dos números enfatizando que a educação vai bem, nada é preciso mudar. É sobre essa paisagem invisível, é sobre a lógica perversa e camufladora dos números, é sobre imagem do abandono, do descaso que se encontra há trinta anos a Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva.

Os problemas da educação e seu reflexo no cotidiano escolar: um desafio a frente.

Durante a semi-regência e regência observou-se na escola campo Bijamin Tavares da Silva inúmeras problemáticas. Iniciemos falando da importância na formação do professor como requisito de licenciamento para seu fazer em sala de aula. Existe na escola campo educador (a) ministrando aulas sem ainda ter concluído a licenciatura para atuar em tal função, não se trata aqui de mencionar se o referido educador (a) possui ou não domínio de sala, de conteúdo, ou se o mesmo está apto ou não para a prática escolar como docente, mas o que fica evidente aqui é a negligência da política pública destinada à educação, que não exige dos professores a aptidão burocrática da conclusão da licenciatura, entrando em contradição com o que diz o Art. 22 do regimento escolar da própria instituição, onde o mesmo diz:

Art. 22 – A Equipe Docente é constituída por Professores legalmente habilitados, nos termos da legislação do ensino, para o exercício da função e lotados na Unidade Escolar, integrantes do Quadro da Secretaria de Estado da Educação, admitidos de acordo com a legislação específica. (REGIMENTO ESCOLAR 2.012, p.15)

Desse modo quem perde com essa negligência são os alunos, uma vez que tais acadêmicos ainda não passaram por todas as etapas da licenciatura, ficando assim sua prática diária de aula comprometida, juntamente com o aprendizado dos alunos. Durante as aulas assistidas notou-se que a Geografia que se ensina tem um forte apelo pela Geografia tradicional de caráter positivista, neste aspecto (PEREIRA *apud* ROCHA) afirma que:

Infelizmente a geografia ainda hoje ensinada na maioria das escolas, persiste nas características herdadas daquela surgida no século XIX. Essa concepção denominada hoje de tradicional nos círculos geográficos, tem se mantido acrítica e ahistórica, pois o saber por ele transmitido(...) elimina o raciocínio e a compreensão, e leva a mera listagem de conteúdos dispostos numa mesma ordem enciclopédica linear que mais uma vez evidência uma procedência do natural sobre o social, para que o social seja visto como natural. (PEREIRA *apud*ROCHA, 1992, p. 178)

Há nos conteúdos expostos a não problematização. Dessa forma não há a possibilidade do aluno questionar, pensar e construir seu próprio raciocínio, os conteúdos são naturalizados, tornando a geografia uma disciplina de descrição, onde dá-se a entender que não há processo e história, fica de certo modo uma aparência de que os fenômenos estão postulados no espaço e descrever suas feições do qual ela se mostra fisicamente tem sido o único caminho do qual o ensino de geografia tem trilhado. Rocha (1992) menciona sob a emergência de um geógrafo educador e sobre seu papel frente à sociedade que estamos vivendo, uma vez que os alunos na maioria das vezes não são considerados quanto a sua intelectualidade e capacidade cognitiva de aprender, neste aspecto:

(...) o GEÓGRAFO-EDUCADOR deve ser um profissional da educação que incentiva a autoconstrução de novas metodologias de ensino que reforce o dinamismo e a criatividade de nossos educandos. Acredito que o incentivo a pesquisa é um dos mais ricos recursos de que dispomos no sentido de contribuirmos com a construção pelo educando de seu próprio conhecimento. (ROCHA, 1992, p.185)

Se a educação pública brasileira não fosse pensada externa as realidades socioculturais do país talvez não tivéssemos intervenções que mais neutralizam a ação do professor, visto que os professores perderam a autonomia, se transformaram ao que tem-se mostrado em meros executores. Esta evidência é notada no momento da regência na escola, nota-se a presença incipiente do livro didático, há uma estruturação pré-definida do conteúdo, há uma hierarquização dos conteúdos, e as atividades finais precisam estar de acordo com a caricatura pré-estabelecida no livro didático, o que os alunos devem aprender está pré-estabelecido. Não há por parte do professor o entendimento e posicionamento de que o livro didático deve ser um subsidio, um norte.

Foi notório a superficialidade das aulas assistidas em estágio, existe uma grade curricular a seguir, no qual o aprofundamento teórico seria no mínimo cauteloso, o que geraria tempo que não dispõe a grade curricular. Em meio a tantos impasses surge o que se pode chamar de problema ou desafio, para (MELO, ano não consta) um dos graves obstáculos para uma educação geográfica significativa é a distância entre os conceitos geográficos e o cotidiano dos alunos, é incisorio o distanciamento entre ambos, o que muitas vezes torna as aulas de geografia enfadonha e não interessante para os alunos. No sentido em que a Geografia ensinada não se aproxima daquilo que os alunos vivenciam cotidianamente.

Na mesma linha de raciocínio Rocha(1992) diz que, falarmos que os educandos são coautores do processo educativo, sem dúvida se constituiu num avanço, permitir, porém, que ele seja sujeito pleno desse processo, implica minar as relações constituídas e ainda muito arraigadas em nosso cotidiano. Foi proposto na semi-regência que se fizesse um questionário, pautado nas aulas de Geografia com os alunos do 6º ano. Uma das perguntas consistiam no que os alunos queriam que fosse estudado em Geografia – logo surgiram respostas que muito diz sobre o distanciamento entre o que se ensina e o cotidiano dos alunos – os alunos mencionaram que sentiam vontade de estudar sobre a cidade de Minaçu.

Verificou-se durante as observações que essa articulação do conteúdo com a realidade do aluno ainda está por construir, esta aproximação se faz necessária para que os alunos sintam vontade de assistir e participar efetivamente das aulas, sob este processo, segundo Cavalcanti (2010) é papel do professor e

[...] cabe a ele não só selecionar e organizar criteriosamente os temas a serem trabalhados, mas também expor aos alunos, com clareza, a relevância desses temas. Por outro lado, é também importante entender que as relações estabelecidas entre professores e alunos não são puramente cognitivas e racionais, nem estão pré-estabelecidas e garantidas pelos papéis que cada um cumpre no processo. Relações abertas, dialógicas, negociadas, sem papéis sociais/profissionais cristalizados e fechados são de fundamental importância para a motivação. (CAVALCANTI, 2010, p.1-2)

Os alunos da escola campo demonstraram na prática desinteresse pelas aulas de geografia e descontentamento com o que vinham sendo a eles postulado, isto é compreensível na medida em que as aulas assistidas se efetivavam em leituras e escrita

do livro, em explicações rasas, mecanicistas e singulares no mundo complexo e globalizado deste século. Como forma de superação deste aspecto Cavalcanti esclarece que

[...] ensinar conteúdos geográficos, com a contribuição dos conhecimentos escolares, requer um diálogo vivo, verdadeiro, no qual todos, alunos e professores, têm legitimidade para se manifestar, com base no debate de temas realmente relevantes e no confronto de percepções, de vivências, de análises, buscando um sentido real dos conteúdos estudados para os alunos. CAVALCANTI, 2010, p.3).

O entendimento de que o aluno não é uma tábula rasa permite nesse aspecto uma proposição que não se limite a pura transposição de ideias, conceitos e categorias desvinculadas de seu quadro perceptivo, ou seja de seu contexto. A escola em muitos casos simula um mecanicismo, uma prática robotizada que não equivale a vida na sua forma de efetivação diária, banal, distanciando-se do real e transformando-se numa ficção de ordem ideária, hierárquica possuindo como ator principal o professor e em segundo plano o aluno como o subalternizado do processo de ensino e aprendizagem. Desta relação desigual imprime-se o desencontro, a desconexão, a confusão onde o interesse de atuação e interação muda, no sentido da não participação, do desinteresse pois o discurso e a própria “figura” do professor se torna alheio, estranho ao aluno. Neste aspecto Cavalcanti (2010) afirma que:

Os professores de Geografia relatam que estão frequentemente enfrentando dificuldade em “atrair” seus alunos nas aulas, pois a maioria não se interessa pelos conteúdos que essa disciplina trabalha. No entanto, se a Geografia contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço, as questões espaciais estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as de dimensões globais ou locais. É o caso de se questionar, então, por que os alunos não mostram interesse especial pelos conteúdos da disciplina, limitando-se, na maior parte das vezes, ao cumprimento formal das obrigações escolares. (CAVALCANTI, 2010, p. 3)

Referente ao exposto por Cavalcanti (2010) Cabe ao professor mudar de posicionamento, mudar de estratégia, direcionar sua prática no sentido de preencher este distanciamento entre o querer fazer e o ser obrigado a fazer. Esta é a política dos alunos não só na escola campo, mas nas escolas de maneira geral: sou obrigado e me proponho a fazer somente as atividades que são a elas atribuídas notas, Sobre esta problemática,

entre o querer que remete a ideia de intencionalidade, e o fazer pelas notas que remete a ideia de obrigação, tem-se um longo caminho que precisa ser superado. Cavalcanti (2010) assinala como superá-lo:

Se a tarefa do ensino é tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno e se a construção do conhecimento pressupõe curiosidade pelo saber, esse é um obstáculo que precisa efetivamente ser superado. Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação didática, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla. Nesse sentido, o papel diretivo do professor na condução do ensino está relacionado às suas decisões sobre o que ensinar, o que é prioritário ensinar em Geografia, sobre as bases fundamentais do conhecimento geográfico a ser aprendido pelas crianças e jovens, reconhecendo esses alunos como sujeitos, que têm uma história e uma cognição a serem consideradas. (CAVALCANTI, 2010, p.3).

O desafio encontra-se de pé, o resultante dessas problemáticas se expressão de forma local como estamos citando, e dia a dia as provocações para vencê-lo se tornam evidentes. Não deve fugir a esta questão a formação do professor de geografia, afinal quais tipos de conhecimentos deve possuir um professor de geografia na atualidade para lidar com as problemáticas exemplificadas acima? KHAOULE; SOUZA (2013) em sua leitura dos textos de Garcia nos fala dos conhecimentos imprescindíveis, indispensáveis necessários à prática docente, que não se limite a identificação, determinação e enquadramento dos conteúdos, sendo eles:

[...] a) *o conhecimento Pedagógico*. Esse conhecimento refere-se à qualificação pedagógica, ao conhecimento relacionado ao ensino e a aprendizagem dos alunos, aos procedimentos didáticos, às teorias do desenvolvimento humano, ao planejamento do ensino, ao processo de planejamento curricular, à cultura social, às influências do contexto no ensino, aos aspectos legais d educação, à avaliação dentre outros; b) *o conhecimento do conteúdo*. Para ensinar necessita-se de conhecimento sobre o que se ensina. Conhecer profundamente um conteúdo significa estar intelectualmente preparado para ensiná-lo; c) *o conhecimento didático do conteúdo*. Esse conhecimento representa os esforços que profissionais e

investigadores realizam, articulando o conhecimento específico da matéria a ensinar e o conhecimento pedagógico e didático de como ensinar; d) *o conhecimento do contexto*. Diz respeito ao local onde se ensina e a quem se ensina. Conhecer as características socioeconômicas e culturais do local, da escola da sua cultura, as expectativas dos alunos suas práticas espaciais cotidianas, o dia-a-dia da escola, o seu passado, são aspectos fundamentais para a formação do professor de geografia. (KHAOULE; SOUZA, 2013, p.90).

Em suma fica claro qual deve ser o perfil do professor de geografia, qual a especificidade do seu trabalho, como mediar, veicular os conteúdos, qual a importância de conhecer a realidade cultural da escola e dos alunos, dentre outros.

Contudo, o estágio supervisionado com propostas para o desenvolvimento do projeto, de regência e semi-regência na Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva revelou ser o que nos aponta Garrido e Socorro(2004) onde o estágio deve ser uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade. Mais do que intervenção o estágio nos possibilitou compreendermos e de forma clara denunciarmos a realidade de escolas que produzem números e conformidades com o slogan da “pátria educadora”.

Conclusão.

A escola campo: Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva é o reflexo do descaso com a escola pública, pois a característica da escola é de uma escola do século XX para alunos do século XXI, para alunos da geração Y que vivem numa sociedade onde o curso tecnológico já ultrapassou a barreira do som, em contrapartida a escola campo não possui sequer computadores, e não há como incentivar a leitura, pois a mesma não possui bibliotecas, ficando de leitura para os alunos apenas os livros didáticos.

A prática pedagógica, juntamente com a didática, que subentende as múltiplas formas de se trabalhar um específico conteúdo fica restrita, pois o espaço físico não proporciona essa abertura para o professor, que não pode ligar um som porque os alunos da sala ao lado não vão suportar o barulho, pois as paredes são de placa, não podem modificar a ordem das carteiras porque não se tem espaço na sala, não podem levar os alunos à biblioteca porque não se tem biblioteca, não se pode planejar uma aula na sala

de computação porque não se tem sala de computação, não se pode trabalhar com teatro, pois a escola não possui pátio ou auditório.

No estágio supervisionado pode-se ter uma dimensão do que é o fazer do professor em sala de aula, tendo em vista o contexto público de descaso do qual a escola-campo e a maioria das escolas do município estão inseridas. Neste constante ao desafio do projeto proposto, evidenciou-se o entendimento acerca dos caminhos a trilhar para o planejamento das aulas, uma vez que o ato de planejar consiste numa etapa investigativa e de várias considerações, o que possibilitou o entendimento acerca do que antecede a prática, visando objetivos anteriores e posteriores que na regência minimizou o distanciamento entre teoria e prática, nos possibilitando experienciar um pouco do horizonte de nossa formação,

Diante do exposto, fica a certo modo o desejo de mudança. Muitos defendem uma melhoria na qualidade da educação, mas é necessário discutir para quem e para quem, pois essas discussões permeiam questões políticas, ideológicas e de mercado. Sob esta pluralidade de atores que defendem uma melhor qualidade da educação, Candau (2012) nos adverte sob o sentido de qualidade, pois, segundo ela trata-se de uma expressão polissêmica, fala-se de qualidade total, qualidade humana, qualidade social, qualidade cidadã, etc. Sob esta lógica que muito esconde por entre aquilo que se propõe a mostrar, segundo ela existem três concepções de qualidade em curso:

A primeira concepção vem adquirindo cada vez maior força e apresenta como característica principal conceber a educação como um produto capaz de responder às exigências do desenvolvimento econômico e do mercado. Seu objetivo principal é formar sujeitos empreendedores e consumidores. (...) Uma segunda perspectiva é a que entende a qualidade da educação como uma volta a concepções e aspectos tradicionais da educação. Afirma que a modernização da educação, assim como os movimentos renovadores têm favorecido processos superficiais e de pouca consistência nas escolas. (...) há várias experiências em curso que utilizam outros parâmetros. Partem da convicção profunda de que a educação escolar pode colaborar com processos de transformação estrutural da sociedade. Assumem uma perspectiva crítica e intercultural. Afirmam a importância da educação como direito humano que não pode ser reduzido a um produto que se negocia na lógica do mercado. Defendem o papel do Estado na democratização da educação e se opõem às formas diretas e indiretas de privatização da escola pública. Lutam pela valorização da profissão docente e pelo reconhecimento dos movimentos promovidos por educadores e

educadoras. Propõem “reinventar” a escola, seus espaços, tempos, organização, dinâmicas etc.(CANDAU 2012, p.5-6)

Sob estas três concepções, Candau (2012) assume seu posicionamento favorável à terceira concepção, que valoriza o bojo educacional sob sua conjuntura cultural, social, política e democrática. Pensamos ser este o caminho, que não sirva a interesses econômicos e de “esquerdistas”, mas, que venha priorizar a educação e sua função que é dar ao sujeito a possibilidade para que o mesmo saiba-se referenciar e ler o mundo, para construir seu próprio conhecimento e nele atuar de forma cidadã. O sentimento que fica é, sem dúvida, o desafio que nós enquanto professores vamos enfrentar para construir uma possível realidade que se apresenta ainda com veias utópicas.

REFERÊNCIAS

CRISTINA, Márcia de Oliveira Melo. **Uma aproximação à didática do ensino de geografia.** Disponível em: http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47174/1/u1_d22_v9_t01.pdf

GARRIDO, Selma e SOCORRO, Maria. **Estágio e Docência.** São Paulo. Editora Cortez, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.** 13 Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

MARIA, Vera Candau. Editores Livro 3 - p.000021 Junqueira&Marin. **DIDÁTICA: ENTRE SABERES, SUJEITOS E PRÁTICAS.** XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

ODILON, Genylton Rêgo da Rocha. **Ensino de geografia e a formação do Geógrafo-Educador.** São Paulo. P. 177-188, nº 11-12, ago.92/ago.93.

SANDRA, Laura Barbosa Gabriel. **Diagnose da escola-campo,** MINAÇU, MAIO DE 2013. Trabalho apresentado à UEG- Universidade Estadual de Goiás, UnU-Minaçu.

SOUZA, Lana de Cavalcanti. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas.** Anais do i seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010

Projeto Político Pedagógico. **Estado de Goiás. Secretaria estadual da educação. Subsecretaria regional de educação de minaçu. Escola Estadual Bijamin Tavares da Silva. Minaçu-go. 2011/2012.**

COSGROVE, Denis E. Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro, 3ª Edição, Bertrand Brasil, 2010.

KHAOULE, Anna Maria Kovacs; SOUZA, Vanilton Camilo de. Desafios atuais em relação à formação do Professor de Geografia. In: Eunice Isaias as Silva, Lucineide Mendes Pires (org). **Desafios da Didática de Geografia**. – Goiania: Ed. Da PUC Goiás, 2013.

TORRES, Rosa María. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: Livia de Tommasi, Mirian Jorge Warde, Sérgio Haddad (org). **O banco Mundial e as políticas educacionais**. 2. Ed. – São Paulo : Cortez, 1998.